

GESTAÇÃO EM ADOLESCENTES: OPINIÕES DE UNIVERSITÁRIOS

UNWEDDED ADOLESCENTS GESTATION: OPINIONS OF THE UNIVERSITY POPULATION

Telma Ribeiro Garcia¹
Ana Maria de Almeida²

RESUMO: Trata-se de um estudo exploratório-descritivo em que se objetivou identificar e analisar as opiniões de uma população universitária da área da saúde face à gestação em adolescentes solteiras. Os resultados apontaram para a existência de opiniões contraditórias e/ou ambivalentes acerca desse fenômeno, representando um foco de preocupação quanto à possível influência sobre o modo como esses profissionais atendem/atenderão essa clientela.

UNITERMOS: Gestação na adolescência - Sexualidade - Saúde da mulher.

INTRODUÇÃO

“Minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais” (Belchior).

A nosso ver, há uma grande contradição na moral sexual prevalente em nossa sociedade. Essa contradição se expressa, por um lado, através da aparente liberalização de atitudes, crenças e valores relativos à sexualidade, como, por exemplo, o estímulo a comportamentos que privilegiam o culto ao corpo, o erotismo e o sexo como artigo de consumo (Takiuti, 1994); por outro lado, se expressa através de ações repressivas como o padrão de “sexo-medo” inerente à educação sexual tradicional, considerada (ainda!) como uma das soluções possíveis para o controle das doenças sexualmente transmissíveis, do aborto e do nascimento de filhos ilegítimos, ou através de códigos muito estritos de “comportamento apropriado”.

¹ Enfermeira Obstetra. Professora Adjunto do Depto. de Enfermagem de Saúde Pública e Psiquiatria, da UFPB.

Doutora em Enfermagem pela EERP - Universidade de São Paulo.

² Enfermeira Obstetra. Professora Assistente do Depto. de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, / EERP-USP.

Doutoranda do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem, EEUSP/EERP-USP.

A moral sexual prevalente parece assumir um caráter particularmente contraditório quando se analisa a questão da atividade sexual na adolescência, em especial a **das** adolescentes. Esse é um aspecto que os pais e a sociedade, costumeiramente, procuram ignorar e sobre o qual se evita falar. Exemplo recente dessa “técnica do avestruz”, mais comum do que se admite, nos é dado pela primeira-dama de um país de Primeiro Mundo que, ao ser questionada a respeito da idade ideal para que os jovens tenham sua primeira relação sexual, respondeu: *“Minha teoria é de que não se deve fazer antes dos 21 anos - e, se fizerem, nem precisam me contar”* (VEJA, 1995).

O fato, inegável, é que as adolescentes, cada vez em maior número e em idade mais precoce, estão tendo vida sexual ativa. Que mecanismos, então, foram engendrados para se conviver com essa “nova” realidade? Para *Desser* (1993), se a perda da virgindade anatômica aparentemente deixou de ocupar um lugar central na construção da “pureza” ou da “inocência” feminina, ela foi substituída por outros parâmetros de avaliação, tais como ceder ao impulso sexual apenas como resultado do amor, da paixão e, sobretudo, não premeditar o intercursos sexual. Segundo a autora, a existência desse sistema de normalização da atividade sexual pré-conjugal não significa que o valor da virgindade desapareceu. Ao contrário, afirma ela, *“é a persistência desse valor que desencadeia o processo de normalização do exercício da sexualidade e de estigmatização daquelas que a ele não aderem.”*

De acordo com *Aragão* (1983), família, honra familiar, virgindade, casamento, maternidade, são todas elas *“categorias marcadas, em nossa sociedade, por representações valoradas, ou por emoções culturalmente construídas, as quais extrapolam o plano privado e invadem o plano político-cívico-social, dado o grau particular de sensibilidade e de suscetibilidade que representam para o brasileiro.”*

Como exemplo da validade da afirmativa anterior, podemos citar o estudo de *Tiba* (1994), o qual, ao analisar o comportamento dos pais de adolescentes de hoje em relação à educação dos filhos, afirma que eles oscilam entre: a) a noção de **liberdade total** que se instalou na **camada periférica** de suas personalidades, como resultado da oportunidade histórica que tiveram nos anos 60 e 70 - época que se caracterizou pela revolução dos costumes políticos, sociais e, principalmente, sexuais; e b) o **autoritarismo** resultante da educação rígida que receberam, e que permanece gravada nas **camadas mais profundas** de seus seres. Desse modo, afirma o autor, toda a certeza que eles têm acerca da igualdade entre os sexos desmorona quando a filha adolescente está em questão. Ainda mais, *“se a camada periférica pode achar maravilhoso um comportamento liberado na filha dos outros”*, em casa a coisa muda de figura se a filha evidencia um comportamento “inadequado para uma mulher”.

Como conseqüência, observa-se que aventurar-se na atividade sexual pré-conjugal, especialmente quando desse exercício resulta uma gravidez “inoportuna”, isto é, ocorrida fora do espaço institucional previsto para regular as funções da sexualidade e da maternidade (a família legalmente constituída através do casamento), ainda significa estar exposta à censura social. Ou seja,

significa estar exposta à distinção garota decente/garota vadia, à-toa, de má nota, errada, perdida, pública, entre tantos outros adjuntos adnominais com que nossa riqueza vocabular complementa o substantivo mulher que afronta a norma sócio-cultural prevalente.

O que parece haver, pois, é uma **liberação condicional** da atividade sexual pré-conjugal, que é tolerada desde que não haja uma demonstração ostensiva desse comportamento, como é o caso da ocorrência da gestação em mulheres solteiras (Garcia, 1995).

Partindo dos aspectos anteriormente mencionados e considerando, como King (1981), que a percepção “*representa a imagem que a pessoa faz da realidade, e influencia seu comportamento*”, estabeleceu-se como **objetivo** para esse trabalho:

identificar e analisar, utilizando uma escala de diferencial semântico, as opiniões de uma população universitária da área da saúde face à gestação em adolescentes solteiras.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo exploratório-descritivo, realizado em uma instituição de ensino da área da saúde, de um município do interior paulista. A população pesquisada foi constituída por alunos de graduação, mestrado e doutorado. À época em que o trabalho foi realizado, o corpo discente dessa instituição era composto por 337 alunos de graduação, 116 dos programas de mestrado e 83 dos programas de doutorado, perfazendo um total de 536 alunos. Desse total, fizeram parte da amostra 160 (29,9%) alunos.

Para a coleta de dados foi construído um instrumento contendo: a) dados sócio-demográficos, tais como sexo (masculino e feminino), faixa etária (≤ 20 , 21 a 30, 31 a 40, 41 a 50 anos), classe social (alta, média alta, média baixa, e baixa) e curso (graduação, mestrado, e doutorado); b) uma questão acerca da ocorrência de gestação em adolescentes solteiras do convívio sócio-familiar do respondente; e c) uma escala de pares de adjetivos aos quais eles deveriam atribuir um valor, face à gestação em adolescentes solteiras.

Para a elaboração da escala, tomou-se como ponto de partida alguns adjetivos que são utilizados com frequência na literatura que trata da gestação na adolescência, a exemplo de “inoportuna”, “indesejada”, “impremeditada”, “inadequada”. Buscou-se, então, com a ajuda do dicionário, ampliar a listagem com outros possíveis adjetivos e seus respectivos antônimos, formando pares semanticamente opostos. Cada par de adjetivos ficou portanto constituído por um deles tendo conotação positiva e o outro conotação negativa. Os valores que os respondentes deveriam atribuir a esses adjetivos variaram de 1 a 3, fosse o significado positivo ou negativo. Determinou-se nas orientações do instrumento que o centro da escala (ponto 0), quando marcado pelos respondentes, seria

indicativo de que eles não se haviam definido em relação ao par de adjetivos em questão.

Após sua elaboração, o instrumento foi submetido a julgamento de um *expert* na área de saúde da mulher para validação aparente e de conteúdo, sendo feitos os ajustes sugeridos. Em seguida, foi realizado um pré-teste com alunos de licenciatura da mesma instituição de ensino, os quais, em virtude disso, se determinou que não fariam parte da população a ser pesquisada.

A coleta de dados foi realizada no período compreendido entre o final da segunda quinzena do mês de março e a segunda quinzena de abril de 1995. Foram incluídos na amostra os alunos que compareceram à instituição nesse período e que se dispuseram a responder o instrumento de coleta de dados.

RESULTADOS

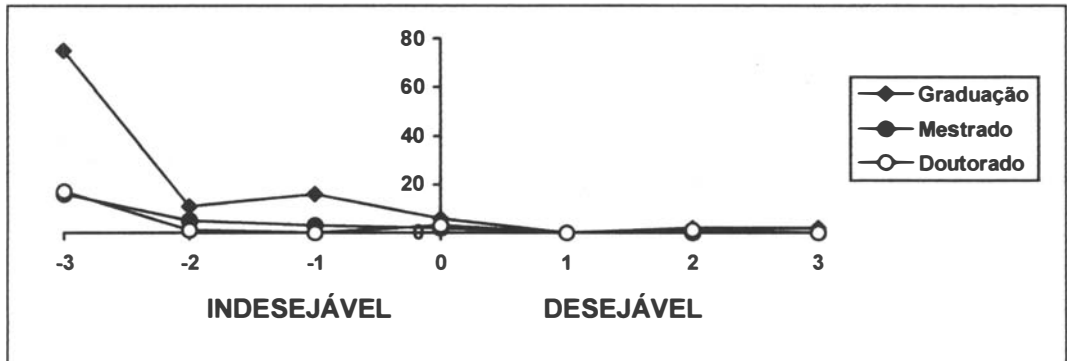
Como já afirmado anteriormente, a amostra foi constituída por 160 alunos da instituição de ensino onde o trabalho foi realizado - 112 (70%) graduandos, 26 (16,3%) mestrandos e 22 (13,7%) doutorandos. 146 (91,2%) eram do sexo feminino e 14 (8,8%) do sexo masculino. Quanto à faixa etária dos respondentes, 56 (35%) tinham 20 anos ou menos; 65 (40,6%) tinham idade entre 21 a 30 anos; 30 (18,8%) tinham idade entre 31 a 40 anos; e 9 (5,6%) idade entre 41 a 50 anos.

Para a categorização da classe social, solicitou-se ao respondente que ele próprio, levando em conta seu padrão atual de vida, apontasse, entre as alternativas, a que classe pertencia. Nenhum dos respondentes categorizou-se como pertencendo à classe social alta. Quanto aos demais, 54 (33,7%) incluíram-se na classe média alta, 99 (61,9%) na classe média baixa e 4 (2,5%) na classe social baixa. Três respondentes (1,9%) não informaram a que classe social pertenciam.

Com relação à ocorrência de gestação em adolescentes solteiras do convívio sócio-familiar dos respondentes, 131 (81,9%) afirmaram ter e 29 (18,1%) não ter esse conhecimento. Entre os que afirmaram positivamente, alguns apontaram mais de uma opção entre as oferecidas no instrumento, perfazendo um total de 175 opções marcadas. Desse total, 62 (35,4%) diziam respeito à ocorrência de gestação em parentes próximas, 59 (33,7%) em colegas de escola, 37 (21,1%) em vizinhas, 4 (2,3%) em colegas de trabalho e 13 (7,4%) em outras adolescentes, como filhas de amigos, alunas, ou a própria respondente.

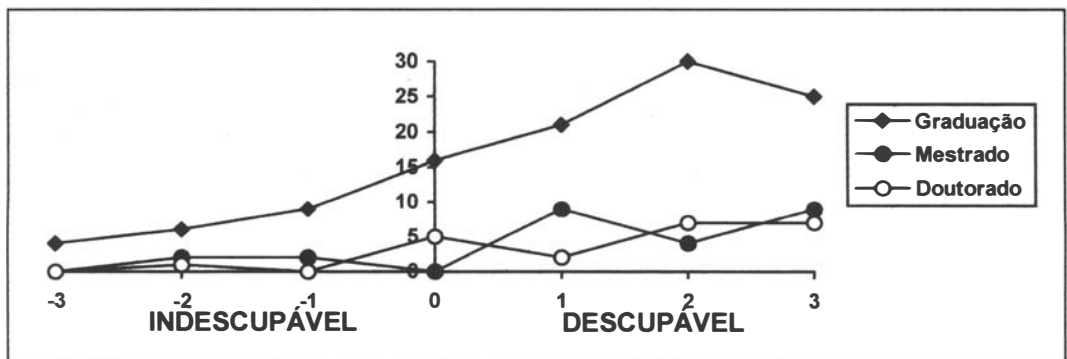
Durante a computação dos dados, observou-se que as respostas dos três subgrupos amostrais (graduandos, mestrandos e doutorandos) revelavam um padrão atitudinal semelhante frente à gestação em adolescentes solteiras, e que, portanto, não pareciam ter sido influenciadas, como era esperado, pelas variáveis demográficas selecionadas - sexo, idade, classe social. Assim, optou-se por apresentar os dados a partir do grau de formação, uma vez que esse aspecto sintetizava a tendência de distribuição dos valores atribuídos pelos respondentes aos treze pares de adjetivos da escala. Esses dados estão apresentados a seguir.

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INDESEJÁVEL - DESEJÁVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 160 (GRADUANDOS = 112, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



144 respondentes, o que equivale a 90% da amostra, considerou a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **indesejável**. 108 (67,5%) atribuíram valor -3 a esse adjetivo. Considerando-se o grau de formação, observa-se que 75 (66,9%) dos graduandos, 16 (61,5%) dos mestrandos e 17 (77,2%) dos doutorandos assim se posicionaram. Esse dado se torna ainda mais significativo quando se considera o valor -2 atribuído por 17 (10,6%) respondentes - 11 (6,9%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 1 (4,5%) dos doutorandos; e o valor -1 atribuído por 19 (11,9%) respondentes - 16 (10%) dos graduandos e 3 (11,5%) dos mestrandos.

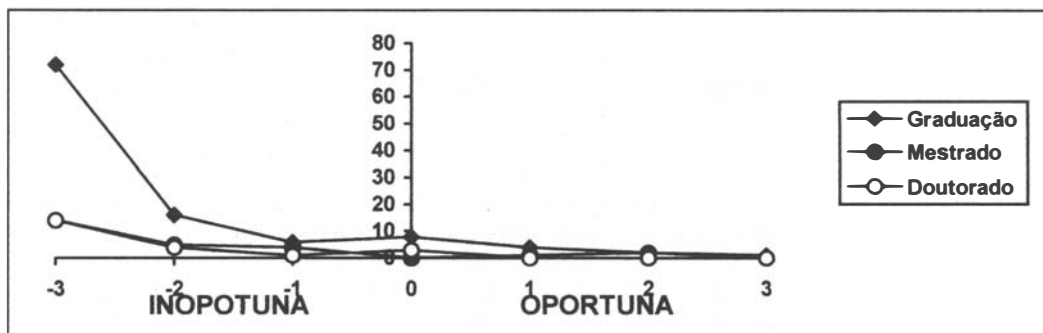
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INDESCULPÁVEL - DESCULPÁVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 159 (GRADUANDOS = 111, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



Observa-se no Gráfico 2 que grande parte dos respondentes considerou a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **desculpável**, atribuindo valores +3, +2 e +1 a esse adjetivo. 114 respondentes (71,1%) assim se posicionaram. Considerando-se o grau de formação, observa-se que 25 (22,5%) dos graduandos, 9 (34,6%) dos mestrandos e 7 (31,8%) dos doutorandos atribuíram valor +3 ao adjetivo. Entre os 41 (25,8%) respondentes

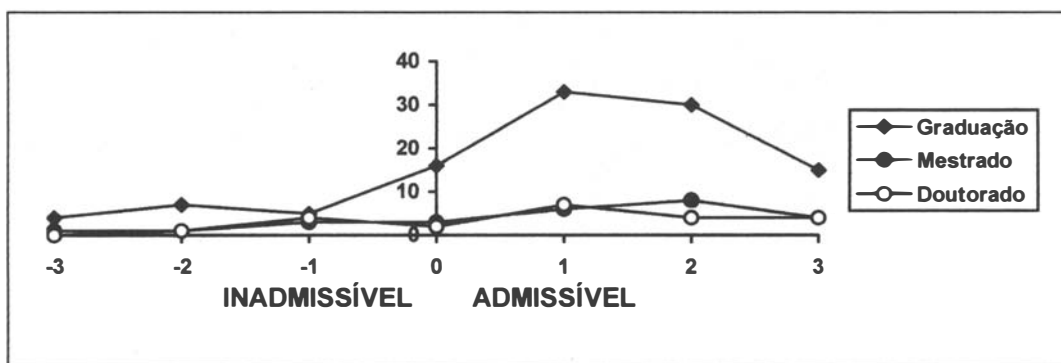
que atribuíram valor +2, 30 (27%) eram graduandos, 4 (15,4%) mestrandos e 7 (31,8%) doutorandos. O valor +1 foi atribuído por 32 (20,1%) respondentes - 21 (18,9%) dos graduandos, 9 (34,6%) dos mestrandos e 2 (9%) dos doutorandos. Vale ressaltar ainda que 21 (13,2%) dos respondentes não se definiram em relação ao par de adjetivos **indesculpável - desculpável**, ou seja, marcaram o ponto 0 da escala.

GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INOPORTUNA - OPORTUNA, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 157 (GRADUANDOS = 109, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



Concordante com a opinião de que a gestação em adolescentes solteiras é indesejável, a maioria dos respondentes (136 - 86,6%) a considerou também **inoportuna**. Destes, 100 (63,7%) atribuíram valor -3 ao adjetivo, entre os quais 72 (66%) dos graduandos, 14 (53,8%) dos mestrandos e 14 (63,6%) dos doutorandos. 25 (15,9%) respondentes atribuíram ao adjetivo valor -2, entre os quais 16 (14,7%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 4 (18,1%) dos doutorandos. O valor -1 foi atribuído por 11 (7%) respondentes - 6 (5,5%) dos graduandos, 4 (15,3%) dos mestrandos e 1 (4,5%) dos doutorandos.

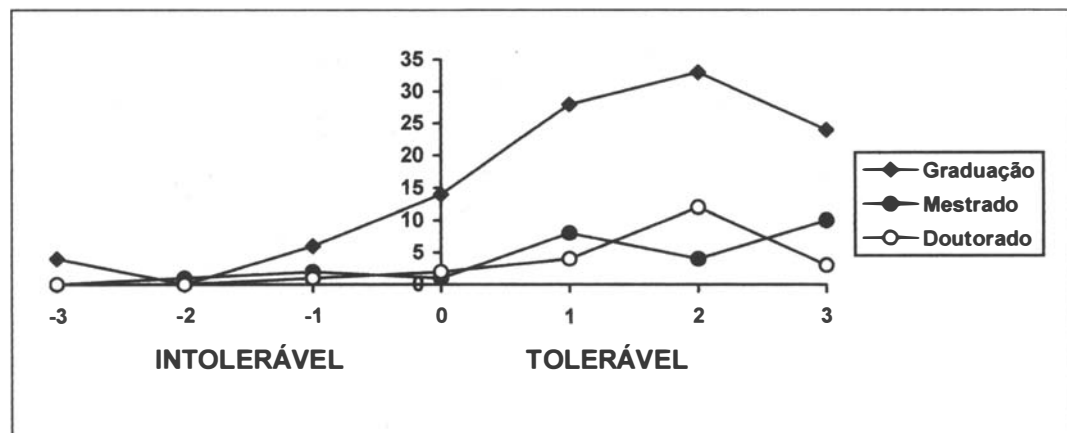
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INADMISSÍVEL - ADMISSÍVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 158 (GRADUANDOS = 110, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



Conforme se observa no Gráfico 4, houve uma clara tendência para se considerar a gestação em adolescentes solteiras como **admissível** - 111 (70%) respondentes assim se posicionaram. 23 (14,5%) atribuíram ao adjetivo o valor **+3** - 15 (13,6%) dos graduandos, 4 (15,3%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos. 42 (26,5%) atribuíram ao adjetivo o valor **+2** - 30 (27,3%) dos graduandos, 8 (30,8%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos. 46 (29%) respondentes atribuíram valor **+1** ao adjetivo - 33 (30%) dos graduandos, 6 (23%) dos mestrandos e 7 (31,8%) dos doutorandos.

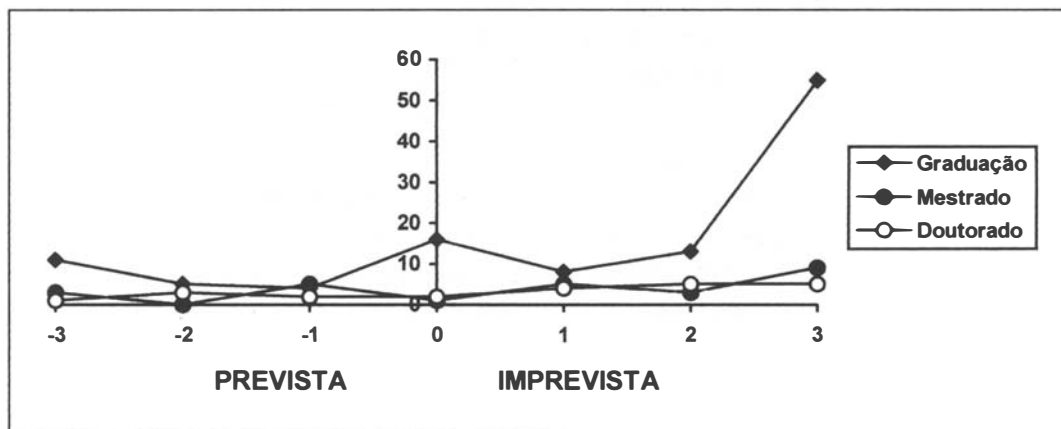
Considera-se importante destacar dois aspectos que o Gráfico 4 evidencia. O primeiro aspecto é que, embora a tendência tenha sido para considerar a ocorrência de gestação em adolescentes solteiras como sendo **admissível**, o maior número de respondentes incidiu sobre o valor **+1**. O outro aspecto é que 21 (13,2%) respondentes não conseguiram se definir em relação ao conjunto de adjetivos **inadmissível - admissível**, marcando a posição **0** da escala.

GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INTOLERÁVEL - TOLERÁVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 157 (GRADUANDOS = 109, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



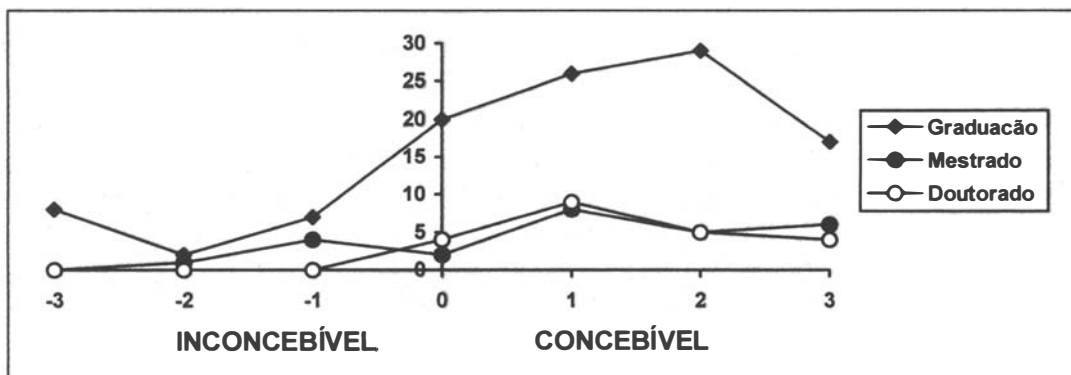
O Gráfico 5 evidencia a tendência dos respondentes para considerar a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **tolerável**. 126 (80,3%) dos respondentes assim se posicionaram na escala. 37 (23,6%) atribuíram valor **+3** ao adjetivo - 24 (22%) dos graduandos, 10 (38,5%) dos mestrandos e 3 (13,6%) dos doutorandos. 49 (31,2%) atribuíram valor **+2** ao adjetivo - 33 (30,3%) dos graduandos, 4 (15,4%) dos mestrandos e 12 (54,5%) dos doutorandos. 40 (25,5%) respondentes atribuíram valor **+1** - 28 (25,7%) dos graduandos, 8 (30,8%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos.

GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS PREVISTA - IMPREVISTA, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 160 (GRADUANDOS = 112, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



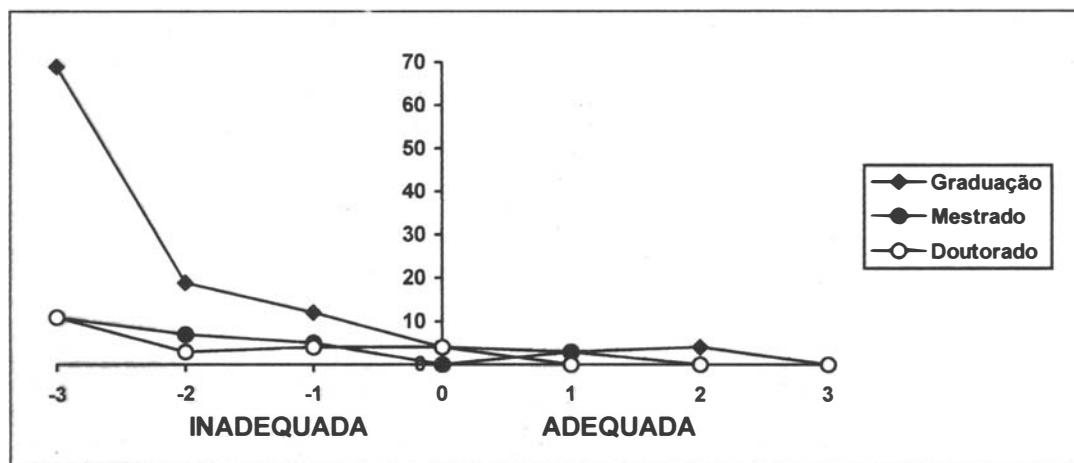
107 (66,8%) respondentes consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **imprevista**. Destes, 69 (43,1%) atribuíram valor **+3** a esse adjetivo - 55 (49,1%) dos graduandos, 9 (34,6%) dos mestrandos e 5 (22,7%) dos doutorandos. 21 (13,1%) atribuíram valor **+2** - 13 (11,6%) dos graduandos, 3 (8,5%) dos mestrandos e 5 (22,7%) dos doutorandos. 17 (10,6%) respondentes atribuíram valor **+1** ao adjetivo - 8 (7,1%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos. É importante destacar que 34 (21,3%) respondentes consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como **prevista**.

GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INCONCEBÍVEL - CONCEBÍVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 157 (GRADUANDOS = 109, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



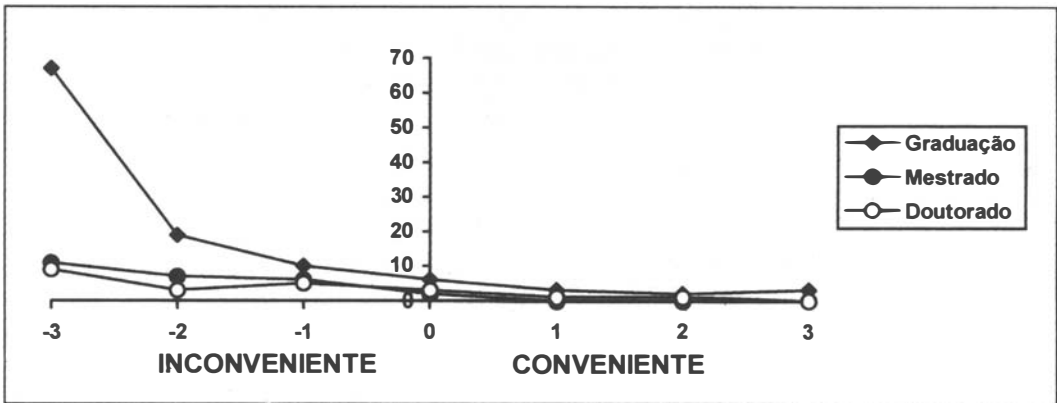
O Gráfico 7 evidencia a tendência dos respondentes para considerar a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **concebível**. 109 (69,4%) dos respondentes assim se posicionaram, conforme discriminado a seguir. 27 (17,2%) atribuíram valor **+3** - 17 (10,8%) dos graduandos, 6 (23,1%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos. 39 (24,8%) dos respondentes atribuíram valor **+2** - 29 (18,5%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 5 (22,7%) dos doutorandos. 43 (27,4%) atribuíram valor **+1** - 26 (16,5%) dos graduandos, 8 (30,7%) dos mestrandos e 9 (40,9%) dos doutorandos. 26 (16,6%) sujeitos marcaram a posição **0** da escala.

GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INADEQUADA - ADEQUADA, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 159 (GRADUANDOS = 111, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



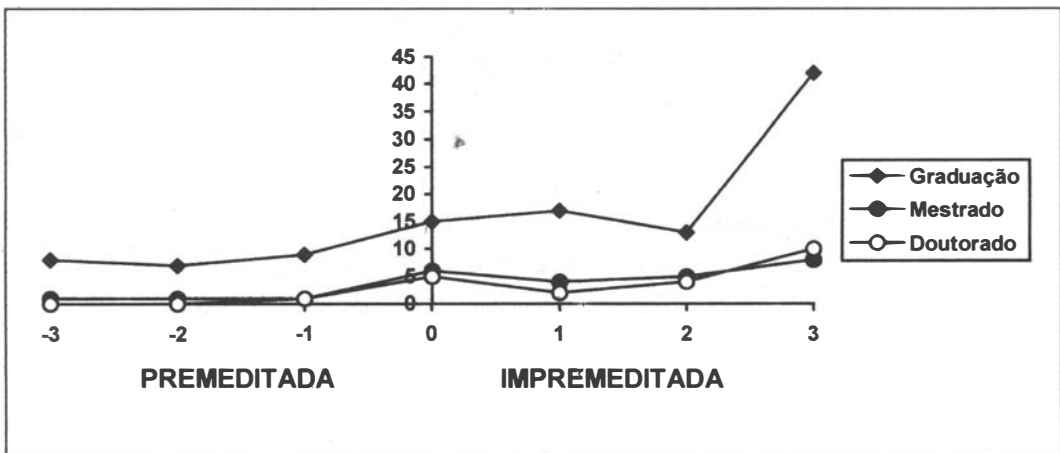
Como pode ser observado no Gráfico 8, a maioria dos respondentes - 141 (88,6%) - considerou a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **inadequada**. Considerando-se os valores atribuídos a esse adjetivo, observa-se que 91 (57,2%) respondentes se posicionaram no valor **-3**, entre os quais 69 (62,2%) dos graduandos; 11 (42,3%) dos mestrandos e 11 (50%) dos doutorandos. 29 (18,2%) respondentes atribuíram valor **-2**, entre os quais 19 (11,9%) dos graduandos, 7 (26,9%) dos mestrandos e 3 (13,6%) dos doutorandos. 21 (13,2%) atribuíram valor **-1** ao adjetivo, sendo 12 (7,5%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos.

GRÁFICO 9 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INCONVENIENTE - CONVENIENTE, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 158 (GRADUANDOS = 110, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



A maioria dos respondentes (137 - 86,7%) considerou a ocorrência de gestação em adolescentes solteiras como sendo, também, **inconveniente**. Destes, 87 (55,1%) atribuíram ao adjetivo o valor **-3**, entre os quais 67 (60,9%) dos graduandos, 11 (42,3%) dos mestrados e 9 (40,9%) dos doutorandos. 29 (18,4%) respondentes atribuíram ao adjetivo valor **-2**, entre os quais 19 (17,3%) dos graduandos, 7 (26,9%) dos mestrados e 3 (13,6%) dos doutorandos. O valor **-1** foi atribuído por 21 (13,3%) respondentes - 10 (9,1%) dos graduandos, 6 (23,1%) dos mestrados e 5 (22,7%) dos doutorandos.

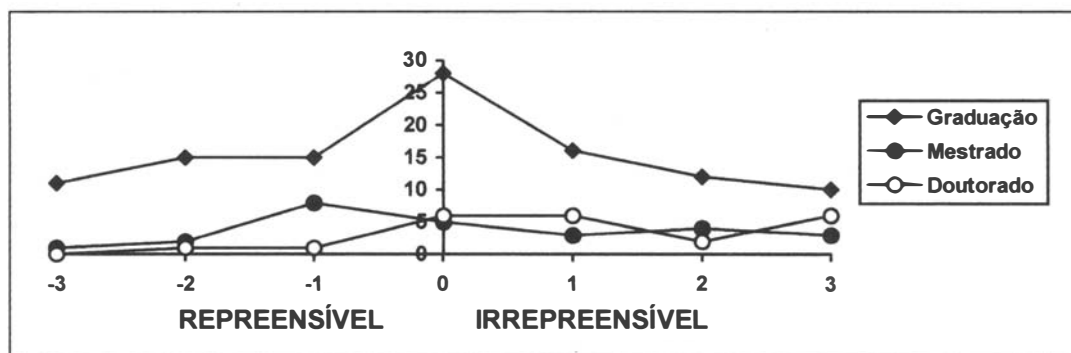
GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS PREMEDITADA - IMPREMEDITADA, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 159 (GRADUANDOS = 111, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



105 (66%) dos respondentes consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **impremeditada**. Desse total, 60 (37,7%) atribuíram ao adjetivo o valor **+3** - 42 (37,8%) dos graduandos, 8 (30,8%) dos mestrandos e 10 (45,4%) dos doutorandos. 22 (13,8%) dos respondentes atribuíram valor **+2** ao adjetivo - 13 (11,7%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos. 23 (14,5%) atribuíram valor **+1** - 17 (15,3%) dos graduandos, 4 (15,4%) dos mestrandos e 2 (9,1%) dos doutorandos.

A respeito do Gráfico 10, vale ressaltar ainda que 26 (16,4%) dos respondentes não se definiram sobre o par de adjetivos **premeditada - impremeditada**, marcando o ponto 0 da escala; e que 28 (17,6%) consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **premeditada**.

GRÁFICO 11 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS REPREENSÍVEL - IRREPREENSÍVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 155 (GRADUANDOS = 107, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



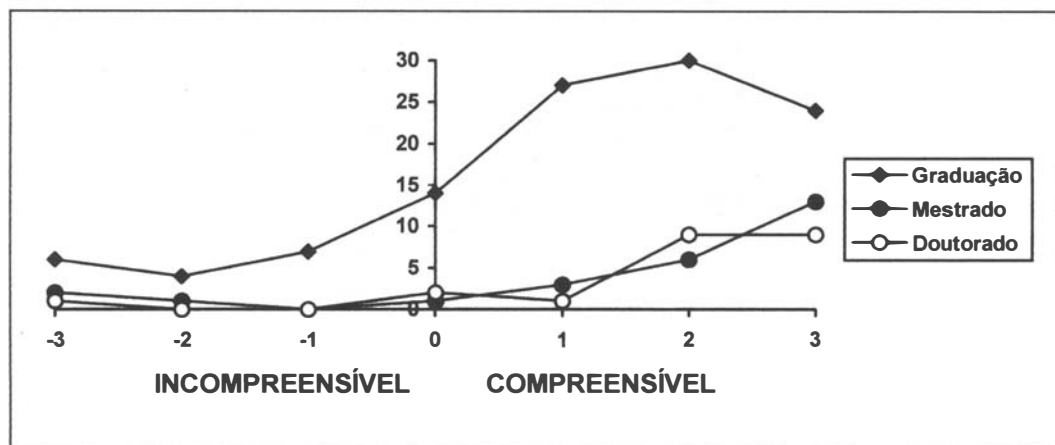
A atribuição de valores ao par de adjetivos **repreensível - irrepreensível** (Gráfico 11) mostrou um comportamento bastante distinto daquele dos gráficos anteriores, distribuindo-se quase que equitativamente entre os valores positivos e negativos, e com a mais alta frequência de respondentes marcando o ponto 0 da escala, até então.

66 (40%) dos respondentes consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **irrepreensível**. Deste total, 19 (12,3%) atribuíram valor **+3** a esse adjetivo - 10 (9,3%) dos graduandos, 3 (11,5%) dos mestrandos e 6 (27,3%) dos doutorandos. 18 (11,6%) respondentes atribuíram ao adjetivo o valor **+2**, dos quais 12 (11,2%) dos graduandos, 4 (15,4%) dos mestrandos e 2 (9,1%) dos doutorandos. 25 (16,1%) respondentes atribuíram valor **+1** ao adjetivo - 16 (14,9%) dos mestrandos, 3 (11,5%) dos mestrandos e 6 (27,3%) dos doutorandos.

54 (34,8%) dos respondentes consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **repreensível**, conforme discriminado a seguir. 12 (7,7%) respondentes atribuíram a esse adjetivo o valor **-3**, dos quais 11 (10,3%) dos graduandos e 1 (3,8%) dos mestrandos. 18 (11,6%) dos respondentes atribuíram valor **-2** ao adjetivo, sendo 15 (14%) dos graduandos, 2 (7,7%) dos mestrandos e 1 (4,5%) dos doutorandos. 24 (15,5%) respondentes atribuíram valor **-1** ao adjetivo - 15 (14%) dos graduandos, 8 (30,7%) dos mestrandos e 1 (4,5%) dos doutorandos.

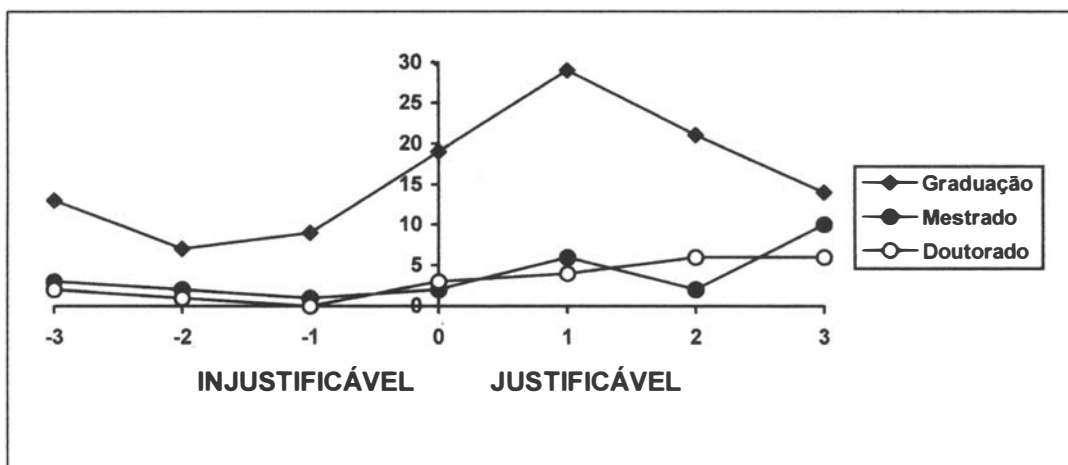
Quanto ao ponto **0** da escala, 39 (25,2%) dos respondentes assim se posicionaram em relação ao par de adjetivos - 28 (26,2%) dos graduandos, 5 (19,2%) dos mestrandos e 6 (27,3%) dos doutorandos. Além disso, vale ressaltar o número de respondentes que marcaram **+1** (25 - 16,1%) e **-1** (24 - 15,5%), decorrendo disso a concentração da curva no centro da escala.

GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INCOMPREENSÍVEL - COMPREENSÍVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 160 (GRADUANDOS = 112, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



Conforme se pode observar no Gráfico 12, a maioria dos respondentes considerou a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **compreensível**. 122 respondentes, o que equivale a 76,3% da amostra, assim se posicionaram. 46 (28,8%) respondentes atribuíram valor **+3** ao adjetivo - 24 (21,4%) dos graduandos, 13 (50%) dos mestrandos e 9 (40,9%) dos doutorandos. 45 (28,1%) respondentes atribuíram valor **+2** ao adjetivo - 30 (26,8%) dos graduandos, 6 (23,1%) dos mestrandos e 9 (40,9%) dos doutorandos. 31 (19,4%) dos respondentes atribuíram valor **+1** ao adjetivo - 27 (24,1%) dos graduandos, 3 (11,5%) dos mestrandos e 1 (4,5%) dos doutorandos.

GRÁFICO 13 - DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES ATRIBUÍDOS PELOS RESPONDENTES AO PAR DE ADJETIVOS INJUSTIFICÁVEL -JUSTIFICÁVEL, SEGUNDO O GRAU DE FORMAÇÃO. N = 160 (GRADUANDOS = 112, MESTRANDOS = 26, DOUTORANDOS = 22)



O Gráfico 13 evidencia a tendência dos respondentes para considerar a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **justificável**. 98 (61,3%) dos respondentes assim se posicionaram, conforme discriminado a seguir. 30 (18,2%) atribuíram valor **+3** - 14 (12,5%) dos graduandos, 10 (38,5%) dos mestrandos e 6 (27,3%) dos doutorandos. 29 atribuíram valor **+2** ao adjetivo - 21 (18,7%) dos graduandos, 2 (7,7%) dos mestrandos e 6 (27,3%) dos doutorandos. 39 (24,4%) dos respondentes atribuíram valor **+1** ao adjetivo - 29 (25,8%) dos graduandos, 6 (23,1%) dos mestrandos e 4 (18,2%) dos doutorandos.

Em relação aos resultados obtidos para o par de adjetivos **justificável-injustificável**, vale ressaltar que 24 (15%) respondentes marcaram o ponto 0 da escala; e que 38 (23,7%) consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo **injustificável**. Do total destes últimos, 18 (47,4) atribuíram valor **-3** ao adjetivo.

COMENTÁRIOS

A ocorrência de gestação em adolescentes não é um fenômeno novo, desde que está registrada na história, na literatura e no próprio cotidiano das famílias brasileiras. Considerada como sendo um fato natural no século passado e início deste, dado que à época era comum as mulheres casarem e terem filhos em idade precoce, a gestação em adolescentes passa a adquirir conotação de "anomalia social" a partir da década de 60. Essa década, conhecida como a da

“revolução sexual”, representou o momento histórico em que as mulheres começam a estender, de modo mais visível, seu mundo, antes predominantemente restrito ao âmbito familiar, para o espaço público. Entre as mudanças de comportamento naquilo que diz respeito a sexo/sexualidade, observou-se a adoção de novas tecnologias, a exemplo das técnicas para controle da natalidade, as quais possibilitaram que se desvinculasse o ato sexual da procriação.

Nesse processo de revolução dos costumes e, especialmente, de transformação da intimidade, as adolescentes talvez tenham atuado como “cobaias sociais” (Giddens, 1993) pois, embora atingidas pela divulgação de que a atividade sexual era um dos caminhos para a desejada emancipação, não tiveram a compreensão necessária acerca da transformação em curso, nem o acesso à metodologia contraceptiva, o que resultou em um aumento na incidência de gestação em adolescentes, só que, agora, predominantemente solteiras. Para tornar as cores desse fenômeno ainda mais sombrias, a ocorrência se torna mais visível ainda nas classes sócio-econômicas mais desfavorecidas, desde que as adolescentes das classes sociais mais altas, embora também engravidando com maior freqüência, raramente levam a gestação a termo, conforme afirma Vitiello (1988).

A área da saúde se apropria do fato e patologiza essa gravidez, passando a considerá-la como sendo de “risco médico-social”. Observa-se, a partir daí, uma grande profusão de material científico publicado. Nessa literatura, a gravidez em adolescentes passa a ser adjetivada negativamente, podendo-se observar que o discurso construído em torno do tema é reproduzido pelos profissionais que dele se ocupam, muitas vezes sem uma leitura crítica que permita a visão de sua complexidade. A propósito de prevenir possíveis problemas materno-fetais, tais como a toxemia, os partos distócicos, o baixo peso do recém-nascido, a gestação em adolescentes solteiras passa a ser qualificada na literatura da área da saúde como sendo “indesejada”, “inoportuna”, “inadequada” ou “precoce”.

Coerentes com posicionamentos desta ordem, autores da área apresentam, em trabalhos por eles realizados, o objetivo de “conter a onda crescente de gravidez na adolescência” (Oliveira “et al.”, 1995), ou se referem ao fenômeno como um “problema relacionado à sexualidade” (Ferrarini “et al.”, 1995). Encarada como “epidemia”, e tendo como pressuposto o compromisso social dos profissionais da área, busca-se justificar a intervenção que, no caso, quase sempre tem a meta de prevenir a ocorrência da gravidez, sendo poucos os estudos que levam em conta a perspectiva da adolescente e uma análise contextual do significado dessa gestação.

Obviamente, não estamos fazendo aqui uma apologia da gestação em adolescentes solteiras. Nosso ponto de vista é que ela não deve ser tratada a

priori como uma “catástrofe”, pois exemplos de nossa prática profissional nos mostram que, para um número significativo de adolescentes, a gestação pode representar uma oportunidade de amadurecimento, possibilitando inclusive o afastamento de situações mais danosas, tais como a promiscuidade sexual ou as drogas. Ao que nos parece, o problema está na generalização que é feita a respeito, e no perigo que se incorre de que o comportamento dos profissionais frente à clientela de adolescentes grávidas solteiras esteja sendo determinado pelo modo como percebem a ocorrência dessa gestação, que podemos caracterizar como sendo, algumas vezes, preconceituoso e, em sua maioria, ambivalente ou contraditório.

Os resultados que obtivemos neste estudo exemplificam o exposto acima. Reproduzindo o discurso da literatura e a moral sexual prevalente, observou-se que a grande maioria dos respondentes considerou a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo, por ordem de frequência, indesejável (90%), inadequada (88,6%), inconveniente (86,7%) e inoportuna (86,6%). Como essas opiniões têm se expressado na prática profissional e como têm influenciado a percepção da adolescente grávida solteira sobre si própria como mulher e como mãe potencial, eis a grande questão que se coloca.

A ambivalência e/ou a contradição nas opiniões emitidas tornaram-se ainda mais evidentes quando os respondentes consideraram a ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como sendo tolerável (80,3%), compreensível (76,3%), desculpável (71,7%), admissível (70%), concebível (69,4%) e justificável (61,3%). Não é contraditório que algo possa ser considerado, por exemplo, indesejável, inadequado, inconveniente, inoportuno e, ao mesmo tempo, tolerável, compreensível, desculpável, admissível, concebível e justificável? Que processos fundamentam respostas como as obtidas neste trabalho?

As opiniões da maioria dos respondentes a respeito da questão tornam-se foco de preocupação ainda maior quanto a seu possível comportamento frente à clientela, quando se levam em conta os valores atribuídos ao par de adjetivos **repreensível - irrepreensível**. Levando em conta que a amostra foi constituída predominantemente pelo sexo feminino (91,2%), e que 34,8% se posicionou acerca da ocorrência da gestação em adolescentes solteiras como um fato **repreensível**, questiona-se se não estariam as próprias mulheres atuando como as principais censoras de comportamentos sexuais femininos socialmente classificados como “inapropriados”?

Em se tratando de profissionais da área da saúde, impõe-se uma nova perspectiva em que se considere a individualidade da adolescente grávida solteira, se particularize o cuidado e se evite meras reproduções discursivas que podem revelar e gerar comportamentos preconcebidos acerca não somente da condição dessa clientela específica, mas da própria condição feminina na sociedade.

ABSTRACT: Aiming at identifying and analysing the opinions of a university population from health area about the phenomenon of pregnancy in unwedded teenagers, one has carried out an exploratory-descriptive study. The obtained results pointed out to the existence of contradictory and ambivalent opinions, which represent focus of concern on the possible influence upon these opinions which could reflect on the way professionals establish relationship with the clientele.

KEYWORDS: Pregnancy in Adolescence - Sexuality - Woman's Health.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAGÃO, L. T. de. Em nome da mãe: posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira. In: DURHAM, E.R. et al. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.3, p.109-145
2. DESSER, N. A. *Adolescência: sexualidade e culpa*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Brasília: Edunb, 1993.
3. GARCIA, T. R. *Cuidando de adolescentes grávidas solteiras*. Relatório parcial de tese de doutoramento, apresentado à EERP - USP para Exame Geral de Qualificação. Ribeirão Preto, 1995/
4. GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
5. FERRARINI, K. M. ; MOREIRA, M. A. P. M.; GARCIA, S. S. V. Sexualidade na adolescência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM SAÚDE, 1, Curitiba, 1995. *Programa e Resumos*. Curitiba: ABRASCO / Secretaria de Estado de Saúde do Paraná / NESCO - PR, 1995. p.129
6. KING, I. M. *A theory for nursing: systems, concepts, process*. New York: John Wiley & Sons, 1981.
7. OLIVEIRA, P. R. C. de ; FAGUNDES, R.M. ; BONETTO, D. ; MOSER, L. R. Finalidade na adolescência: treinamento multiplicadores. (sic) In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM SAÚDE, 1, Curitiba, 1995. *Programa e Resumos*. Curitiba: ABRASCO / Secretaria de Estado de Saúde do Paraná / NESCO - PR, 1995. p.108
8. TAKIUTI, A.D. Mitos e tabus da gravidez adolescente. In: COSTA, M. (coord.) *Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos*. São Paulo: Editora Gente, 1994. p.21-29
9. TIBA, I. *Adolescência: o despertar do sexo*. São Paulo: Editora Gente, 1994.
10. VITIELLO, N. Gestação na adolescência. In: _____ et al. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca, 1988. Cap. 20, p.77-90.